

Dívida pública

29 NOV 1995

Estados falidos ameaçam Plano Real e ampliam déficit

ESTADO DE SÃO PAULO

Economistas apontam riscos para a estabilidade dos preços e a volta do crescimento

DENISE NEUMANN

O Plano Real pode sofrer uma crise nos próximos anos por causa da falência dos Estados e do crescimento acentuado do déficit fiscal, que está se aproximando de 4% do Produto Interno Bruto (PIB). Essa previsão tomou conta de boa parte dos debates de ontem no seminário internacional organizado pelo Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial, sobre o tema "Restaurando as Instituições Públicas do Estado de São Paulo".

O diretor-executivo do instituto, Norman Gall, avaliou que o descontrole financeiro de Estados e municípios está colocando em risco a redução da inflação e pode dificultar a volta do crescimento econômico. O vice-presidente da Nossa Caixa Nosso Banco, Joaquim Elói Cirne de Toledo, concordou. Para ele, a política de juros altos está colocando a "dívi-

da pública em uma trajetória explosiva de crescimento". Na sua avaliação, o governo deveria trabalhar com juros de 12% ao ano já em 1996.

O economista Celso Luiz Martone disse que não vê possibilidade de redução significativa no déficit fiscal em 1996. "Será um ano eleitoral", lembrou, argumentando que os prefeitos não dem ficar abandonados em um momento importante para definir o quadro político de 1998, quando haverá eleição para governador.

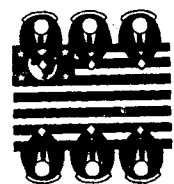
Martone teme que, apesar do caso Banespa, os bancos estaduais mais uma vez sejam usados em momentos eleitorais. "Uma análise dos balanços dos bancos estaduais desde 1982 mostra que a cada quatro anos eles entravam em crise e precisavam de algum tipo de socorro do Banco Central."

Para o jornalista americano Martin Mayer, prefeituras e governos estaduais precisam aprender que é concebível o Executivo contrair dívidas para construir uma ferrovia ou uma estrada, mas nunca para pagar salários. Falando da experiência da

prefeitura de Nova York, ele lembrou que depois de uma grave crise de 1975, ficou claro o conceito de que "o que pode ser financiado é feito e aquilo que não pode ser financiado não é feito".

Martone e Mayer concordaram que os bancos estaduais estão destinados a desaparecer da economia brasileira. Ou pelo menos a perder muito espaço. Para Martone não exis-

tem mais motivos para eles existirem e eles deveriam ser fechados. Toledo discordou e avaliou que ainda há espaço para instituições públicas no País se forem bem administradas.



ELEIÇÕES

MUNICIPAIS

EM 96

PREOCUPAM